



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANA CAROLINA MOREIRA SALATINI

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
A CURRICULARIZAÇÃO COMO PROPOSTA

Londrina
2018

ANA CAROLINA MOREIRA SALATINI

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
A CURRICULARIZAÇÃO COMO PROPOSTA**

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas – MEPEM, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Valdirene Filomena Zorzo-Veloso.

Londrina
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S161e Salatini, Ana Carolina Moreira.

Extensão universitária : a curricularização como proposta / Ana Carolina Moreira Salatini. - Londrina, 2018.
45 f.: il.

Orientador: Valdirene Filomena Zorzo-Veloso.

Trabalho de Conclusão Final (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Extensão universitária - Teses. 2. Ensino superior - Teses. I. Zorzo-Veloso, Valdirene Filomena. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas. III. Título.

CDU 378

ANA CAROLINA MOREIRA SALATINI

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
A CURRICULARIZAÇÃO COMO PROPOSTA

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas – MEPLEM, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Valdirene Filomena Zorzo-
Veloso
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Claudia Cristina Ferreira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Sérgio Fabiano Annibal
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Londrina, 20 de abril de 2018.

SALATINI, Ana Carolina Moreira. **Extensão Universitária: a curricularização como proposta**. 2018. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

A exemplo do que já acontece em outras instituições de nível superior estrangeiras, os universitários brasileiros terão em seu currículo a prática obrigatória de atividades extensionistas. Segundo o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2014, todos os cursos de graduação ofertados em universidades brasileiras deverão assegurar, no mínimo, 10% de sua carga horária para atividades de extensão, um dos tripés da universidade. Tendo em conta esta curricularização e o pouco contato da comunidade universitária com essa prática, o presente trabalho tem como objetivo expor uma breve contextualização da Extensão no Brasil, na Argentina e México, suas implicações sociais e contribuições tanto para Universidade como para a Sociedade (NOGUEIRA, 2005), (ROCHA, 2001), (SOUSA, 2000), além de apresentar uma proposta de um tutorial direcionado aos docentes e discentes da área de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no intuito de dar-lhes suporte e orientá-los nesta nova fase extensionista. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica e consultamos a Pró-Reitoria de Extensão da UEL e as Universidades Públicas da região sul do Brasil. Como resultado, desenvolvemos uma página *web*, com informações sobre a história da extensão, concepções, leis, atividades realizadas em outros lugares, nacionais e internacionais, e o passo a passo necessário para implementá-las no currículo, segundo nossa proposição. Com isso, pretendemos contribuir com a Pró-Reitoria de Extensão da UEL (PROEX) na implementação e divulgação de tais práticas, bem como elevá-la a um patamar igualitário aos outros dois pilares da universidade, Ensino e Pesquisa.

Palavras-chave: Extensão universitária. Curricularização/creditação. Produto educacional. Tutorial do professor e do aluno. Letras estrangeiras modernas.

SALATINI, Ana Carolina Moreira. **University Extension:** curricularisation as a proposal. 2018. 45 p. Final paper (Professional Master's Degree in Modern Foreign Languages) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

As an example of what has happened in different foreign higher education institutions, Brazilian undergraduate students will have compulsory extension activities included on their curriculum. Accordingly to The National Plan for Education (Plano Nacional de Educação - PNE) 2014-2014, all graduation courses offered by Brazilian universities will assure, at minimum, 10% of its timetable to extension activities, one of the pillars of the university. Taking this curriculum and few contacts with the university community with this practice into consideration, this paper aims at contextualizing the university extension in Brazil, in Argentina and México, its social aspects and contributions not only to the Universities, but also to the Society (NOGUEIRA, 2005), (ROCHA, 2001), (SOUSA, 2000) as well as presenting a directed tutorial proposal to the Modern Foreign Languages Professors and students of The State University of Londrina (UEL – Universidade Estadual de Londrina), with the objective of supporting and guiding this new extension phase. In order to do this, we carried out a bibliographic research and discussed it with the Extension Pro-Rector of UEL and with some Public Universities in the South of Brazil. As a result, we have developed a web page, with information about the extension history, conceptions, laws, activities done nationally and internationally, and the step-by-step guide needed to implement them to the curriculum, according to our proposal. By doing this, we hope to contribute to the Extension Pro-Rector of UEL (PROEX) in the implementation and advertisement processes of those practices and to raise it up to a similar level of the two other pillars of the university, teaching and researching.

Keywords: University Extension. Curriculum Extension/ Credit. Educacional Product. Professor and Student Tutorial. Modern Foreign Languages.

SALATINI, Ana Carolina Moreira. **Extensión Universitaria**: la curricularización como propuesta. 2018. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMEN

Como ya sucede en otras instituciones extranjeras de nivel superior, los universitarios brasileños pasarán a tener en su currículo la práctica obligatoria de actividades extensionistas. Según el Plan Nacional de Educación (PNE) 2014-2024, todos los cursos universitarios ofrecidos en universidades brasileñas deberán asegurar, al menos, el 10% de su carga horaria para actividades de extensión, uno de los tripodes de la universidad. Teniendo en cuenta esta curricularización y el poco contacto de la comunidad universitaria con esta práctica, el presente estudio tiene como objetivo no sólo exponer un breve análisis sobre la Extensión en Brasil, Argentina y México, sus implicaciones sociales y contribuciones para la Universidad y para la sociedad (NOGUEIRA, 2005) (ROCHA, 2001) (SOUSA, 2000) sino también presentar una propuesta de un tutorial direccionado al profesorado y a los alumnos del área de “Letras Estrangeiras Modernas” de la “Universidade Estadual de Londrina” (UEL) con el fin de darles apoyo y orientarles en esta nueva fase extensionista. Para ello, realizamos una investigación bibliográfica y consultamos la “Pró-Reitoria de Extensão” de la UEL y las Universidades Públicas de la región sur de Brasil. Como resultado, desarrollamos una página *web*, con informaciones sobre la historia de la Extensión, sus concepciones y leyes, actividades realizadas en otros lugares, nacionales e internacionales, y el paso a paso necesario para implementarlas en el currículo, según nuestra proposición. Con esto, pretendemos contribuir con la “Pró-Reitoria de Extensão” (PROEX) en la implementación y difusión de tales prácticas, así como elevarla al mismo nivel de los otros dos pilares de la universidad, Docencia e Investigación.

Palabras-clave: Extensión. Curricularización. Producto educacional. Tutorial del profesor y del alumno. Lenguas extranjeras modernas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	9
3	METODOLOGIA	28
3.1	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	29
4	EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POR QUE E COMO FAZÊ-LA? - TUTORIAL DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO PARA PROFESSORES E ALUNOS DO DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS DA UEL	31
5	MAPEAMENTO SOBRE A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO SUL DO BRASIL	36
6	PALAVRAS FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

A ideia de estudar o presente tema teve origem após um processo de intercâmbio da pesquisadora na “*Universidad Autónoma de Querétaro*” (UAQ), México, no qual foi possível conhecer, ainda que indiretamente, as práticas utilizadas pela instituição a fim de contribuir para o desenvolvimento da sociedade em que está inserida. Dentro da Extensão Universitária, as instituições mexicanas desenvolvem um projeto denominado “*Servicio Social*”¹, atividade obrigatória, indispensável para a obtenção do diploma universitário, ou seja, em algum momento da graduação o discente terá contato com atividades extensionistas, ainda que seja apenas por alguns meses. No Brasil, até o presente momento, a Extensão tem caráter optativo na maioria das instituições de ensino superior. Situação que deve mudar, uma vez que o Plano Nacional de Educação (PNE) do ano de 2014 prevê na meta 12.7 a curricularização² da Extensão na graduação até 2024³.

Aprovado pela Lei 13.005/2014 de 25 de junho de 2014, o PNE determina que todas as universidades brasileiras deverão direcionar, no mínimo, 10% (dez por cento) da carga horária de cada curso de graduação para atividades extensionistas. Práticas estas pouco desenvolvidas nas instituições, se a compararmos às atividades de Ensino e de Pesquisa (como veremos a continuação), que formam a base da educação superior. Destacamos a relevância destas duas últimas na formação universitária e sabemos que, em diferentes níveis, propiciam um diálogo entre os docentes e discentes com a sociedade e, conseqüentemente, aproximam os acadêmicos da realidade, no entanto, acreditamos que uma prática mais consistente da Extensão, estreitará ainda mais este caminho.

Considerando, então, a realidade vivenciada e as novas perspectivas em relação à Extensão, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma breve contextualização das atividades extensionistas no Brasil, discutir seu papel e relevância, e propor um tutorial direcionado aos docentes e discentes da área de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no intuito de dar-lhes suporte e orientá-los quanto à curricularização da Extensão.

O trabalho aqui exposto está vinculado ao Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas (MEPLEM), do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, da UEL, qual não exige a elaboração de uma dissertação, mas sim um Trabalho de Conclusão de

¹ Apresentamos informações mais detalhadas sobre o projeto no corpo deste artigo.

² Na literatura consultada, os termos “curricularização” e “creditação” são utilizados como sinônimos.

³ O Plano Nacional de Educação pode ser acessado no seguinte link:

http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm.

Curso que pode ser um produto educacional, sem formato pré-determinado, dependendo dos objetivos e interesses do mestrando, seguido de um artigo acadêmico a ser publicado, como é o caso deste.

Este artigo está composto por cinco partes. Na primeira delas, expomos um breve panorama sobre as atividades extensionistas, analisando seu percurso e discutindo suas implicações e pertinência no cenário atual brasileiro (NOGUEIRA, 2005; ROCHA, 2001; SANTIN, 1988; SOUSA, 2000). Apresentamos também exemplos de atividades de extensão realizadas em outros dois países latino-americanos, México e Argentina. Na segunda parte, tratamos sobre a metodologia utilizada na pesquisa, e, na sequência, exibimos informações sobre o produto educacional desenvolvido, o tutorial sobre Extensão Universitária direcionado aos docentes e discentes da área de Letras Estrangeiras Modernas da UEL, e observações sobre as informações alcançadas junto às Universidades da região sul do Brasil a respeito do processo de curricularização da extensão. Em último lugar, estão as palavras finais.

2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Desde a Constituição Federal de 1988, no Brasil, a Universidade está baseada na indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. O Ensino está direcionado à formação de profissionais; a Pesquisa está voltada à busca de soluções para os problemas da sociedade; e a Extensão tem como objetivo melhorar as condições de vida da comunidade (JANKEVICIUS, 1995, p. 328). Com base na afirmação de Jankevicius, fazemos a seguinte indagação: o que se entende por Universidade e qual é o seu papel? Esclarecendo que não temos a pretensão de exaurir o conceito de Universidade, nem tão pouco seus limites de abrangência com os aspectos apresentados neste trabalho. Assim sendo, limitamo-nos a contextualizar a Extensão dentro da Universidade.

Alguns entendem que sua função é preparar profissionais para atender a demanda econômica - setor empresarial, no entanto, além deste aspecto cabe às instituições superiores considerar igualmente os desafios demandados pela sociedade como um todo.

[...] uma *universidade funcional e operacional*, que forma mão-de-obra especializada para o mercado de trabalho, espelha uma sociedade que considera o mercado como a *ratio ultima* da vida social. Por outro lado, uma universidade que considera o saber pelo prisma do direito do cidadão, faz o que pode para refrear a despersonalização e valoriza a democratização, reflete uma sociedade em que os valores democráticos da cidadania são imperativo ético e político da vida universitária. (BERNHEIM; CHAUI, 2008, p. 18, grifo do autor).

Da mesma forma, Marcovitch (1998, p.23) destaca seu dever social, dizendo que possivelmente o papel central da Universidade esteja na formação de cidadãos: “A universidade tem ainda o papel de formar a cidadania. Cabe-lhe, e talvez seja essa a sua principal função, desenvolver a inquietude do ser social”. Pensamento similarmente defendido por Wanderley (1988), que a vê como:

“[...] um lugar - mas não só ela - privilegiado para conhecer a cultura universal e as várias ciências, para criar e divulgar o saber, mas deve buscar uma identidade própria e uma adequação à realidade nacional. Suas finalidades básicas são o ensino, a pesquisa e a extensão. [...] Em alguns países, cumpre papel destacado na formulação da política científica e tecnológica, na crítica das teorias que informam o desenvolvimento e no fornecimento de subsídios para a sua implementação e execução. Em todas as sociedades, mas principalmente nas dependentes, cabe-lhe exercer tarefas urgentes de compromisso social” (WANDERLEY, 1988, p. 15).

Em seu primeiro artigo, a Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

(UNESCO, 1998), afirma que “as missões e valores fundamentais da educação superior, em particular a missão de contribuir para o desenvolvimento sustentável e o melhoramento da sociedade como um todo, devem ser preservados, reforçados e expandidos ainda mais [...]”

Neste trabalho defendemos a ideia apresentada pela UNESCO, pois vemos a Universidade como um centro de produção, análise e difusão de conhecimentos dos mais diferentes âmbitos, cujos objetivos, entre outros, é: formar bons profissionais, dando-lhes para isso uma educação rica em saberes específicos de sua área de estudo juntamente com uma formação humana, crítica e cidadã; colaborar com o desenvolvimento da sociedade na qual está inserida. No entanto, por muito tempo, segundo Boaventura de Sousa Santos (apud RABELO, 2017), somente o propósito de formar mão de obra qualificada foi considerado e desenvolvido, deixando os demais propósitos da Universidade à margem. Acreditamos que uma das maneiras de se alcançar e otimizar a prática cidadã e a relação Universidade e sociedade (não só com as elites, mas também com os setores mais populares), e conseqüentemente, melhorar sua realidade, encontra-se no maior desenvolvimento de atividades de extensão universitária, que, como já mencionado, é um dos pilares do ensino superior brasileiro. Pensamento este que se encontra de acordo com o de Juan Manuel Medina, secretário de extensão da (UNR), Universidad Nacional de Rosario (2015) uma vez que, em 2016, ao anunciar a abertura de uma nova cátedra na UNR, cujo eixo central de debate é a Extensão Universitária, manifestou:

Esta cátedra propõe um forte espaço de reflexão e de formação cidadã, mais também, de seres humanos; porque muitas vezes nos esquecemos que a universidade pública tem como finalidade também ser parte de um processo que gera humanidade e neste caso a extensão tem um forte compromisso que jogar nesta temática. (IDENTIDAD Y TERRITORIO, 2016, p. 5).

De forma similar, Sousa (2000) defende que o ensino superior tem como obrigação ir além das questões teóricas e instrutivas, fornecendo juntamente reflexões sobre as diferentes questões que norteiam a sociedade como um todo, e que a prática de atividades extensionistas é o caminho para se alcançar tal propósito. “A Universidade tem não só objetivos pedagógicos em sua existência na Sociedade, mas também objetivos sociais, políticos e culturais. Além de suas funções de ensino e pesquisa, ela é chamada também a assumir as atividades de Extensão Universitária” (SOUSA, 2000, p. 12).

Mas o que vem a ser Extensão Universitária? O conceito depende da época e do ponto de vista de cada sujeito. Em seu início, na Inglaterra, possuiu um caráter assistencialista, no qual a Universidade levava à população, por meio de cursos e eventos, o

conhecimento gerado academicamente. “Nesse modelo, não havia uma relação dialógica, pois ele servia para levar o conhecimento produzido dentro do espaço acadêmico para a população em geral” (SOUZA, 2014, p. 15), ou seja, a Universidade era tida como a detentora do saber e a população, seres desprovidos de conhecimento, vistos até como “ignorantes”, que o recebiam. Já nos Estados Unidos, ela se desenvolveu mais voltada à prestação de serviços, a aproximação entre a Universidade e as empresas privadas, sendo popularmente conhecida como modelo empresarial ou mercantilista. “[...] tem como objetivo básico a mobilização da universidade no enfrentamento de questões referentes à vida econômica no sentido da transferência de Interfaces de tecnologia, da maior aproximação da universidade com o setor empresarial” (PAULA, 2013, p. 9). Segundo Gezmet e Dagúm (2017), neste momento,

[...] a educação em geral e a educação superior em especial, começa a ser um bem de troca, uma mercadoria e, portanto, pode ser comprada e vendida. Desde essa perspectiva, e diante de uma significativa redução dos orçamentos universitários, as universidades começam a participar no mercado como mais uma empresa. (GEZMET; DAGÚM, 2017, p. 4, tradução nossa).⁴

Essas duas vertentes influenciaram significativamente a Extensão brasileira. Em seu livro “A História da Extensão Universitária”, Sousa (2000) narra a compreensão, execução e evolução da Extensão no Brasil de acordo com o olhar dos discentes, do Estado e das Instituições de Ensino Superior (IES), representados, respectivamente, pelo movimento estudantil brasileiro, o Ministério da Educação (MEC) e as IES.

O movimento estudantil brasileiro ofereceu à população cursos de alfabetização e atividades relacionadas ao teatro, música, cinema. Entendia a Extensão como um mecanismo de união entre Universidade e Sociedade a partir de aspectos políticos, sociais e culturais. Começou com atividades esporádicas, cresceu, principalmente a partir da criação da UNE (União Nacional dos Estudantes) em 1937, mas na década de sessenta começou a perder forças e, hoje, já não possui uma participação representativa no cenário.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) começou a implementar a Extensão no Brasil sob os moldes das instituições internacionais (por meio de cursos e conferências) e, com o passar do tempo, concentrou suas forças na prestação de serviços, tendo o Projeto Rondon como um de seus maiores exemplos. Nos dias que correm, encontra-se em busca de uma nova abordagem para a Extensão, por meio de uma relação mais próxima com as IES.

⁴ [...] la educación en general y la educación superior en particular, comienza a ser un bien de cambio, una mercancía y por lo tanto se puede comprar y vender. Desde esta perspectiva, y ante una significativa reducción de los presupuestos universitarios, las universidades comienzan a participar en el mercado como una empresa más.

No que se refere às Instituições de Ensino Superior Brasileiras, podemos dizer que, em grande parte do tempo, sua ótica se assemelha à seguida pelo MEC, enfatizando na prestação de serviços. Esse olhar começará a sofrer mudanças a partir dos anos oitenta, quando a Extensão passa a ser entendida como um instrumento articulador entre Pesquisa e Ensino, capaz de transformar a sociedade. Cria-se, então, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX)⁵, atualmente, órgão de principal representação da Extensão no Brasil. E foi este último órgão citado o responsável por criar uma nova concepção de Extensão:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. [...] é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. [...] Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. (CONCEITO..., 1987, p. 11).

Em 2012, a partir de debates promovidos nos encontros nacionais do referido órgão em anos anteriores, foi apresentada uma concepção mais sucinta qual, nos dias atuais, segue sendo a mais empregada no meio acadêmico e governamental, seja em sua íntegra ou como conceito norteador.

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2012, p. 28).

No mesmo documento em que encontramos esta definição, são estipuladas as diretrizes da extensão universitária, a saber: a) Interação Dialógica – considera que o saber é construído por todos, por meio do diálogo e da troca de saberes; b) Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade – vê-se a importância de integrar os diversos conhecimentos produzidos em diferentes disciplinas e áreas de conhecimento, por meio de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais); c) Indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão – considera que as atividades extensionistas serão mais efetivas se

⁵O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras é uma entidade voltada para a articulação e definição de políticas acadêmicas de extensão, comprometido com a transformação social para o pleno exercício da cidadania e o fortalecimento da democracia. São membros natos do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, com direito a voz e voto, os Pró-Reitores de Extensão e titulares de órgãos congêneres das Instituições de Ensino Superior Públicas Brasileiras. (RENEX, 2016).

estiverem vinculadas ao Ensino (formação de pessoas) e a Pesquisa (geração de conhecimento); d) Impacto na Formação do Estudante – permite que o estudante conheça a realidade contemporânea de sua profissão e enriquece sua experiência em termos teóricos e metodológicos; e Impacto e Transformação Social – reafirma o caráter transformador da extensão que, unindo Universidade e Sociedade, colabora para o desenvolvimento social. (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2012, p. 29-36). Assim, segundo o Fórum, só há extensão se tais características forem contempladas.

Na UEL, a Extensão está respaldada pela Resolução nº. 1295/88, a qual determina que:

[...] a extensão universitária deve ser entendida como um processo educativo, cultural e científico que articule o ensino e a pesquisa, viabilizando as funções básicas da Universidade junto à sociedade. Neste sentido, possibilita uma relação de interação, intercâmbio e transformação mútuas e de complementaridade recíproca entre as diferentes áreas de conhecimento e os diferentes segmentos da sociedade. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 1988, p. 2).

Santos Júnior (2013, p. 36) coloca a Extensão como uma produtora de conhecimentos resultante das trocas de experiências, de uma relação dialógica, nos quais há um revezamento de papéis de autores e coautores, proporcionando assim a geração de um conhecimento que tem como base diferentes ou semelhantes visões de mundo. Logo, a Extensão vem para unir os dois contextos, universidade e sociedade, e fazê-los mais participativos um na vida do outro. Lembrando sempre que ao mencionar o termo Sociedade, estamos abrangendo todos os cidadãos, independentemente de sua etnia, crença ou classe social. E é este último item que Boaventura⁶ destaca, pois acredita que o diálogo entre a academia e os setores mais baixos da comunidade é ainda mais falho. “A instituição [...] ainda não conseguiu firmar laços com as classes populares, que ainda a veem com desconfiança. Para isso, decanatos de extensão são essenciais, integrando a população à academia” (SANTOS apud RABELO, 2017). Ou seja, a Extensão é canal integrador e democratizador do conhecimento, independentemente de sua origem.

Outra concepção que nos chama a atenção, principalmente por citar o caráter humanizador das atividades extensionistas é a da UDELAR, *Universidad de la República* (Uruguai) que coloca a Extensão como:

⁶ Embora europeu, entendemos que suas contribuições estão em consonância com o que se busca alcançar na América Latina.

Um processo educativo e transformador onde não há papéis estereotipados de educador nem educando, onde todos podem aprender e ensinar [...] que contribui para a produção de conhecimento novo, vincula criticamente o saber acadêmico com o saber popular [...] tende a promover formas associativas e grupais que colaboram para a superação de problemáticas significativas a nível social e orientar linhas de pesquisa e planos de ensino, gerando compromisso universitário com a sociedade e com a resolução de seus problemas. Em sua dimensão pedagógica, constitui uma metodologia de aprendizagem integral e humanizadora. (UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA, 2017, tradução nossa)⁷

Entendemos que tais concepções não são únicas nem eternas, devendo ser avaliadas e adaptadas de acordo com a evolução do mundo e, conseqüentemente, da Universidade e da sociedade. Porém, algo que se pode notar em todos os conceitos e que consideramos ser o alicerce da Extensão, e, portanto, não deve ser extraído de sua essência, é o seu caráter dialógico, a capacidade de conversa entre a academia e a população em geral. É este intercâmbio de saberes que enriquece o processo e possibilita uma ação transformadora no meio.

No entanto, embora presente no que se considera a base da universidade brasileira, notamos, em relação a esta atividade, até o momento da pesquisa, certo descaso histórico tanto dos órgãos responsáveis pela educação, quanto dos docentes e discentes à sua prática. Em 1988, Santin declarou:

Analisando as três competências universitárias observamos que, ao nível do ensino e da pesquisa, a situação se mostra tranquila. [...] Mas é na área da Extensão que as coisas mais se complicam. Talvez porque menos estudada. A extensão aparece como algo indefinido. Uma atividade secundária. As preocupações com a extensão não são frequentes. [...] Faz quem tem tempo ou vontade. Ela se concretiza, às vezes, como distribuição de algumas migalhas, caídas das mesas universitárias cientificamente fartas, sob a forma de assistencialismo caritativo. Outras vezes, só se torna viável através de convênios ou com o estímulo de ganhos extras. Raras vezes é assumida como compromisso social. (SANTIN, 1988, p. 57)

Já no século XXI, as considerações continuam muito parecidas no cenário nacional e latino-americano, ou seja, o Ensino e a Pesquisa continuam com maior destaque em relação à Extensão. É o que corroboraram Monteiro e Sacramento (2011) durante o XI *Congreso Iberoamericano de Extensión Universitaria* realizado em Santa Fé, Argentina.

O preceito da articulação entre ensino, pesquisa e extensão ainda se mantém como

⁷ Proceso educativo transformador donde no hay roles estereotipados de educador ni educando, donde todos pueden aprender y enseñar [...] que contribuye a la producción de conocimiento nuevo, vincula críticamente el saber académico con el saber popular [...] tiende a promover formas asociativas y grupales que aporten a superar problemáticas significativas a nivel social y orientar líneas de investigación y planes de enseñanza, generando compromiso universitario con la sociedad y con la resolución de sus problemas. En su dimensión pedagógica, constituye una metodología de aprendizaje integral y humanizadora.

um dever da universidade. Como espaço privilegiado de formação, as atividades de ensino e todas as ações a elas relacionadas assumem posição de destaque na universidade. Da mesma forma, se destacam as atividades de pesquisa, vinculadas ao papel de produção de conhecimento. A supremacia do ensino e da pesquisa com relação à extensão se evidencia no aporte de recursos, refletido, por exemplo, no número de bolsas alocado em cada um dos eixos, e no apoio dado pelos órgãos de fomento vinculados aos ministérios da Educação e de Ciência e Tecnologia, assim como nos processos avaliativos do desempenho docente, que privilegiam as atividades de pesquisa em detrimento das atividades de extensão. (MONTEIRO; SACRAMENTO, 2011)

Em 2016, Tommasino e Cano reiteraram o que foi dito anteriormente: a Extensão continua separada da Pesquisa e do Ensino, e ainda é menos valorizada acadêmica e financeiramente que em comparação às duas.

O processo histórico da extensão universitária latino-americana, através dos ciclos e modelos resumidos, apresenta uma característica relevante para o tema que tratamos: a dissociação, em geral, da extensão em relação às demais funções universitárias, sua condição de atividade alheia ao currículo, e junto com o anterior, sua situação marginal na hierarquização orçamentária e acadêmica por parte das universidades. (TOMMASINO; CANO, 2016, p. 16, tradução nossa)⁸

Em sua cartilha denominada “Curricularização da Extensão na UFAL”, a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) enfatiza os baixos índices de participação da comunidade universitária em atividades extensionista e apresenta algumas justificativas para esta não efetivação:

Sabe-se, [...] que historicamente, o envolvimento quantitativo de docentes, técnicos e estudantes em atividades de extensão tem sido marginal. No Brasil, este percentual raramente alcança níveis acima de 10% dos docentes e estudantes de uma universidade. Isso se deve em parte à escassez de recursos financeiros, a baixa compreensão conceitual e a baixa institucionalização da mesma no interior das universidades (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2016).

Loureiro e Cristóvão (2001, p. 79) citam argumentos similares ao da UFAL, e acrescentam outros mais, dentre eles: a rigidez funcional e organizacional da Universidade, a oferta de projetos e programas que não atendem aos reais interesses da comunidade, o pouco aporte financeiro proveniente do governo para este tipo de atividade, e, por fim, a divergência entre o que está nas leis de Extensão Universitária e o que de fato é praticado - por exemplo, ao escasso valor curricular e salarial dado aos elaboradores destes projetos. A Plataforma *Lattes*, por exemplo, somente em 2012 dispôs um campo específico para a inserção de

⁸El proceso histórico de la extensión universitaria latinoamericana, a través de los ciclos y modelos resumidos, presenta una característica relevante para el tema que tratamos: la disociación, en general, de la extensión respecto a las demás funciones universitarias, su condición de actividad ajena al currículo, y junto con lo anterior, su situación marginal en la jerarquización presupuestaria y académica por parte de las universidades.

coordenação/participação em projetos de extensão⁹. Além disso, Almeida, Araújo e Guerreiro (2012) manifestam que, ao contrário do Ensino e Pesquisa, amplamente difundidos no cotidiano universitário, a Extensão não possui uma identidade e metodologia bem definidas “em função do caráter particular das ações desenvolvidas e da escassa bibliografia, somada à ainda incipiente metodologia”.

É palpável, entretanto, a evolução e o crescimento da Extensão Universitária no decorrer dos tempos, ainda que não tenha alcançado seu tamanho e importância ideal. Seu início, de acordo com Rocha (2001), ocorreu em Portugal, em 1269, no Monastério de Alcobaça, sendo difundida em seguida, em especial, por escolas católicas. Ele cita ainda que o primeiro relato de uma experiência extensionista, carregando já esta nomenclatura, deu-se na Universidade de Cambridge, Inglaterra em 1867.

Já no Brasil, Gurgel (apud IMPERATORE; PEDDE, 2015), divide a história das atividades de extensão¹⁰ em três partes: 1912¹¹ a 1930: a) primeiras atividades; b) 1930 a 1968: época de experiências isoladas; c) 1969 a 1976: começo da institucionalização das práticas extensionistas. Segundo Nogueira (2005), o Plano de Trabalho de Extensão Universitária, elaborado em 1975, marca o início das políticas públicas de extensão. O citado Plano, entre outras características, apresenta: o Ministério da Educação e Cultura (MEC) como responsável por propor a política de extensão nas universidades brasileiras; a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão; a ampliação do papel docente; a interlocução entre comunidade e Universidade, entre outros. Nogueira comenta ainda que o Plano sofreu influências de Paulo Freire, que propunha uma sociedade como ‘sujeito de ação’, e não um ‘objeto’. “A comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua co-participação no ato de compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente.” (FREIRE, 1983, p. 70). Segundo Freire, muitos consideram a Extensão, a partir de sua nomenclatura, como uma prática de “estender” o conhecimento, ou seja, simplesmente levá-lo aos que “nada ou pouco sabem”.

⁹A versão atualizada do Currículo Lattes, em vigor desde o início do mês de agosto de 2012, apresenta um espaço específico para que pesquisadores cadastrem suas atividades de extensão. A novidade foi anunciada na abertura do 30º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (Seurs), que aconteceu entre os dias 3 e 5 de setembro, em Rio Grande, no Rio Grande do Sul. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2012).

¹⁰Convém registrar, que ainda que se considere algumas atividades extensionistas realizadas anteriormente, o termo ‘Extensão’ só apareceu em documentos oficiais em 1931 no primeiro estatuto das universidades brasileiras. (SOUZA, 2000).

¹¹Ano de criação da primeira universidade brasileira.

Daí que, em seu “campo associativo”, o termo extensão se encontre em relação significativa com *transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação*, etc.

E todos estes termos envolvem ações, que transformando o homem em quase “coisa”, o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar [...] a formação e a constituição do conhecimento autêntico. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações.

Poder-se-ia dizer que a extensão não é isto; que a extensão é educativa. É por isto que a primeira reflexão crítica dêste (sic) estudo vem incidindo sobre o conceito mesmo de extensão, sobre (sic) seu “campo associativo” de significação. Desta análise se depreende, claramente, que o conceito de extensão não corresponde a um que-fazer educativo libertador. Com isto não queremos negar ao agrônomo, que atua neste setor, o direito de ser um educador-educando, com os camponeses, educandos-educadores¹². Pelo contrário, precisamente porque estamos convencidos de que êste (sic) é o seu dever, de que esta é a sua tarefa de educar e de educar-se, não podemos aceitar que seu trabalho seja rotulado por um conceito que o nega.

Poder-se-ia dizer, também, que isto é um purismo linguístico, incapaz de afetar a essência mesma do que fazer extensionista. (FREIRE, 1983, p. 13)

Nota-se nas palavras do educador a “via de mão-dupla”, a alternância de papéis no processo de ensino e aprendizagem, mencionada anteriormente como uma das características mais importantes do trabalho extensionista. Particularidade defendida nos últimos anos, como se pode notar na fala de Medina (apud UNIVERSIDAD NACIONAL DE ROSARIO, 2015, tradução nossa) sobre a Extensão Universitária: “é um processo educativo que nos permite ter esta visão de romper os estereótipos de educador-educando; de poder mencionar onde todos aprendemos, onde todos ensinamos, de poder nos vincular com a comunidade e demais”.¹³

Em 1988, período marcado por grandes mudanças no cenário político do Brasil, a Extensão passa a, constitucionalmente, se integrar à base da Universidade. No evento “Por Extenso”, o atual presidente do FORPROEX, Daniel Pansarelli, destaca o fato da Extensão, reconhecidamente a ala mais democrática da Universidade, passar a ser considerada imprescindível no ensino superior, constando na Constituição Federal, justamente na ocasião em que se estabeleceu a democratização política do Brasil após mais de 20 (vinte) anos de ditadura.

No momento da constituinte promulgar a constituição que vai trazer o Brasil da ditadura para a democracia, é a mesma constituição que vai colocar pela primeira vez, nos últimos 50 anos, a eleição direta para o presidente da república, é o mesmo texto que vai dizer que para ser universidade tem que ser pesquisa, extensão e ensino, indissociável. (PANSARELLI, 2017)

¹² Em seu livro, Paulo Freire faz uma comparação entre a relação dos agrônomos com os camponeses e a relação dos docentes com os alunos.

¹³ Manifestó además que la extensión universitaria “es un proceso educativo que nos permite tener esta visión de romper los estereotipos de educador-educando; de poder mencionar donde todos aprendemos, donde todos enseñamos, de poder vincularnos con la comunidades y demás.”

A democracia alcançada na política se estende a outros meios, inclusive ao ensino superior. É um esforço de popularizar a Universidade, de trazê-la mais perto da população em geral, uma vez que, já consolidada no país, com várias instituições federais e estaduais, continuava predominantemente elitista.

Já nos anos 90, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96, artigo 43, VII, evidencia que uma das finalidades do ensino superior é “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica geradas na instituição” (BRASIL, 1996). Em 2001, de acordo com as discussões dos órgãos competentes, como o FORPROEX, o Plano Nacional de Educação (PNE) - decênio 2001/2010 - redefiniu a Extensão Universitária e sugeriu a implementação de um Programa de Desenvolvimento da Extensão Universitária em todas as instituições Federais a fim de assegurar que créditos obrigatórios da graduação fossem destinados à realização de atividades extensionistas, Lei 10.172 (BRASIL, 2001). Proposta esta não concretizada, que novamente apareceu no PNE para o período 2014/2024, aprovado pela Lei 13.005/2014 de 25 de junho de 2014, agora com um caráter mais social, cuja meta 12.7 é “assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social” (BRASIL, 2014). Logo, seguindo a ideia de Gurgel, podemos dizer que a quarta parte da história da Extensão perdura até os dias atuais, período no qual se busca dar a ela seu devido espaço e colocar em prática suas premissas.

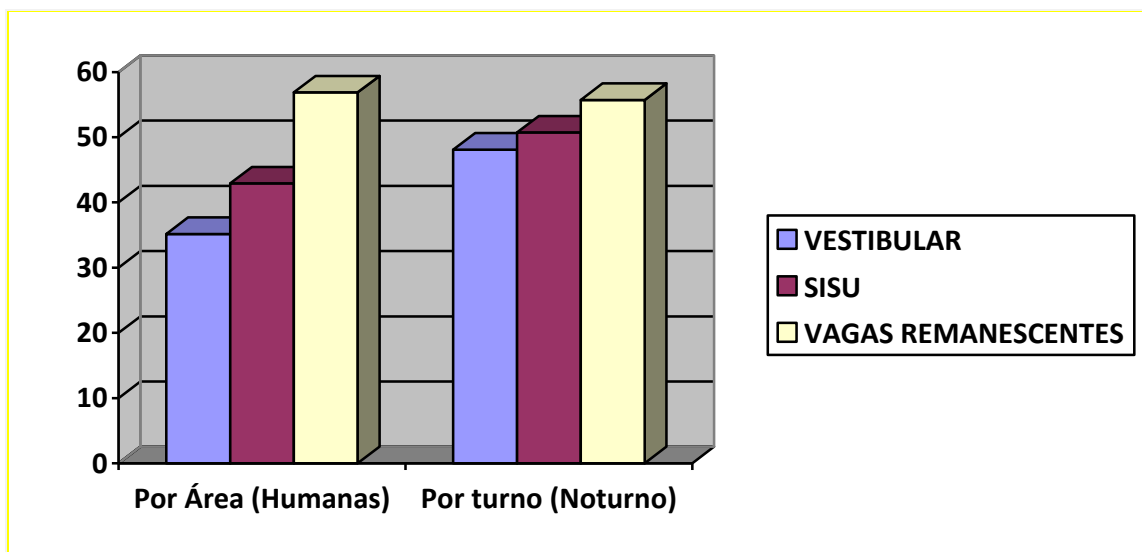
Dentro dos cursos de licenciatura da UEL, nos quais, em sua grande maioria, predominam as atividades teóricas em relação às práticas, já que estas últimas costumam desenvolver-se somente a partir do terceiro ano¹⁴ por meio das atividades de estágio, vemos a Extensão como uma poderosa ferramenta para este diálogo entre teoria e prática, entre o que é estudado e o que, de fato é aplicado, desde o começo da formação docente.

É preciso, pois, derrubar o predomínio do ensino simbólico e promover um ensino mais direto, introduzindo na formação inicial uma metodologia que seja presidida pela pesquisa-ação como importante processo de aprendizagem da reflexão educativa, e que vincule constantemente teoria e prática. (IBERNÓN apud GARCIA, 2012, p. 45)

¹⁴ Salvo alguns discentes que participam do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) ou outras atividades extensionistas não obrigatórias.

O contato com o mundo real, com os possíveis locais de trabalho e/ou com os diferentes públicos, fornece ao futuro professor materiais e experiências que não são descritas no papel e promovem uma maior e mais profunda reflexão sobre a prática docente. Nas palavras de Menegon et al. (2015), a Extensão oferece a oportunidade de “colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula e, a partir dessa experiência, repensar e reelaborar cada um daqueles que, no exercício prático, distanciou-se da realidade planejada e/ou escrita em momentos de atividade teórica”. Ademais, contribui para a formação contínua do próprio professor universitário, uma vez que, por estar distante dos demais contextos de ensino, como ensino fundamental e médio, por exemplo, pode desconhecer a verdadeira realidade enfrentada pelos recém-formados. A docência caracteriza-se por não possuir um livro com todas as receitas prontas, uma metodologia que funcione em 100% dos casos e com todos os grupos. Cada aluno/sala/contexto requer uma atenção especial e uma práxis diferente. Logo, a Extensão vem propiciar esta proximidade entre graduandos e docentes com os diferentes cenários encontrados naquele momento.

Por isso, precisamos entender que, ainda que as expressões ‘obrigatoriedade’ e “10% da carga horária” possam assustar, a curricularização da Extensão só tende a trazer melhorias, tanto à Universidade, como à sociedade geral. Sabemos que não será uma tarefa fácil se considerarmos o perfil do estudante universitário brasileiro: muitos trabalham e estudam concomitantemente. Na UEL, segundo o relatório desenvolvido pela Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN) sobre o perfil dos ingressantes em 2017, cerca de 35% (trinta e cinco por cento) dos novos alunos da área de humanas exercem alguma atividade remunerada mensal. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2017a, 2017b). Quando os dados são avaliados de acordo com o turno de estudo, este número aumenta: aproximadamente 48% (quarenta e oito por cento) dos alunos que estudam à noite dizem possuir uma renda mensal relacionada a um trabalho. Números que aumentam em relação aos discentes que entram pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) e pelas vagas remanescentes, como se pode verificar no gráfico a continuação.

Gráfico 1 – Porcentagem de ingressantes UEL/2017 que possuem atividade remunerada

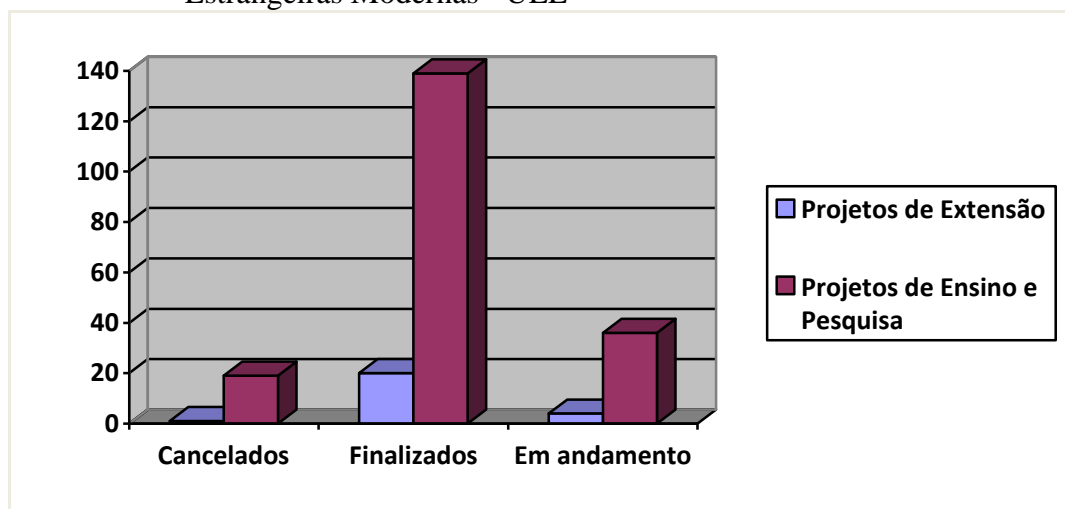
Fonte: Do Próprio autor adaptado de: Universidade Estadual de Londrina (2017a, 2017b).

Os dados corroboram a existência de uma jornada dupla, trabalho e estudos, de muitos estudantes da área de humanas, grupo do qual os cursos de Letras fazem parte. Logo, considerando os cursos de Letras Estrangeiras Modernas e o fato de que todos dispõem de grupos noturnos, estes números demonstram a necessidade de se pensar em possibilidades de práticas extensionistas viáveis a todos os discentes, inclusive aos que trabalham. É um obstáculo a ser analisado cuidadosamente a fim de propiciar uma solução que vá ao encontro dos interesses dos envolvidos. Além disso, na área das Ciências Humanas, o número de programas/projetos extensionistas ofertados pelas Universidades é reduzido, sobretudo se o comparamos à área da Saúde. Segundo pronunciamento da atual reitora, no dia 04 de maio de 2017, hoje, a UEL desenvolve “1302 projetos de pesquisas envolvendo 1094 docentes, 769 projetos/programas de extensão envolvendo 849 docentes e 228 cursos/eventos de extensão à comunidade com 23.629 matriculados nos mesmos” (PRONUNCIAMENTO..., 2017). De acordo com a página oficial da instituição¹⁵, o Departamento de Letras Estrangeiras Modernas ao longo de seus anos, desenvolveu vinte e seis projetos de extensão, dos quais um foi cancelado, vinte finalizados e quatro estão em andamento. Já os de Ensino e Pesquisa, juntos, somam cento e trinta e nove projetos finalizados, dezenove cancelados e trinta e seis projetos em execução. Ou seja, o número de projetos na área da Extensão equivale a aproximadamente

¹⁵ É possível consultar os projetos de pesquisa, ensino e extensão da UEL no seguinte link: <https://www.sistemasweb.uel.br/?contents=system/prj/index.php>. A relação dos projetos de extensão do departamento de Letras Estrangeiras Modernas está disponível em: https://www.sistemasweb.uel.br/index.php?contents=system/prj/pex/index.php&pagina=pex_qry_departament_o3.php&p_cod_centro=01000000&p_cod_depto=01040000.

11% do número de projetos de pesquisa e ensino.

Gráfico 2 – Projetos de extensão, ensino e pesquisa no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas - UEL



Fonte: Do próprio autor adaptado de: Universidade Estadual de Londrina (2017c).

Isso demonstra que mais que engajar os discentes, é necessário também envolver os docentes e demais colaboradores universitários nesta prática extensionista, possibilitando que ela alcance o mesmo patamar do Ensino e da Pesquisa, e para que, de fato, haja uma indissociabilidade entre os três componentes, igualmente importantes no âmbito acadêmico.

2.2 EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS INTERNACIONAIS: RELATOS DE PRÁTICAS DESENVOLVIDAS NO MÉXICO E NA ARGENTINA

Como a ideia deste trabalho se originou em uma vivência no exterior, nos pareceu fundamental relatar tal contexto e descrever o que foi visto, o que acabou por nos induzir a buscar em outros países atividades extensionistas já em caráter obrigatório, que poderiam nos servir de modelos de comparação para enfrentar o desafio da curricularização da extensão¹⁶. Podemos ousar dizer que seria isso parte de um processo de internacionalização do ensino superior, já que uma experiência internacional possibilitou confrontações acerca de diferentes aspectos educacionais, entre eles, a prática da Extensão, e serviu como ponto de partida para uma pesquisa.

¹⁶ Além do México e da Argentina, países visitados pela professora-pesquisa, no produto educacional produzido por meio desta pesquisa, serão expostos, ainda que brevemente, diferentes modelos de atividades extensionistas realizadas em outros países latino-americanos.

A compreensão da internacionalização como um meio para se atingir um fim e não como um fim em si garante que a dimensão internacional seja integrada de maneira sustentável às principais funções do ensino e do aprendizado no ensino superior, da pesquisa e da produção do conhecimento, melhor servindo à comunidade e à sociedade. (KNIGHT, 2012)

Compreendemos que a internacionalização abrange outras questões e apresenta diversas particularidades, e, por isso, à sua discussão caberia outro trabalho. Neste momento, o que salientamos é a interação e compartilhamento de saberes ocorridos a partir de mobilidades acadêmicas, realizadas por meio de alianças entre a UEL e Universidades estrangeiras. Assim, esta seção está dedicada à descrição de algumas atividades extensionistas realizadas no México e na Argentina, países visitados pela professora-pesquisadora. Primeiramente, será apresentado o modelo mexicano. Em seguida, se relatará a prática argentina.

Como já mencionado anteriormente, um dos aspectos que motivou a presente pesquisa está relacionado a uma experiência de intercâmbio realizada em 2013, no México, realizada pela professora pesquisadora, mediante convênio entre a *Universidad Autónoma de Querétaro* e a UEL. Durante a estadia, houve um contato direto com a comunidade universitária, o que propiciou a observação de determinadas situações diferentes do contexto brasileiro. Além das disciplinas, o idioma, a forma de organização estrutural e administrativa, foi possível conhecer, indiretamente, a prática do serviço social, mencionado na introdução deste artigo.

A Universidade Autónoma de Querétaro considera que o serviço social é uma ferramenta que estimula a participação dos universitários na apropriação do compromisso social. E, ao mesmo tempo que permite o contacto com a realidade institucional e o confronto com a demanda social, podem ser aplicados os conhecimentos e habilidades adquiridos durante os primeiros anos de formação nos espaços apropriados. É uma maneira de retribuir à sociedade todo o investimento feito para o ensino superior. [...] fornecer um benefício para a sociedade, quer científico, tecnológico, econômico ou cultural; especialmente aos grupos vulneráveis que a formam. (UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE QUERÉTARO, 2016, tradução nossa).¹⁷

É preciso ressaltar que isso se deu de maneira informal, por meio de conversas com outros estudantes, uma vez que os intercambistas não participavam de tal atividade. Eram

¹⁷La Universidad Autónoma de Querétaro (2016) considera que el servicio social es un instrumento que estimula la participación de los universitarios en la apropiación del compromiso social. Y que al mismo tiempo que permite el contacto con la realidad institucional y la confrontación con la demanda social, se puedan aplicar los conocimientos y habilidades que se adquieren durante los primeros años de formación en los espacios idóneos. Constituye una forma de retribuir a la sociedad toda la inversión que se hace para la educación superior. [...] la aportación de un beneficio a la sociedad, ya sea de tipo científico, tecnológico, económico o cultural; sobre todo a los grupos vulnerables que la conforman.

relatos sobre o lugar onde o realizariam, em que dias e/ou horas, o motivo de escolher aquele contexto, etc. Os alunos, geralmente os do último ano, já que é necessário cumprir muitos créditos antes de começar o *servicio social*, recebem um catálogo dos lugares que podem escolher para executar suas atividades, mas também podem oferecer novas opções, desde que estas estejam relacionadas à sua área de estudos. Na *Facultad de Letras*, são comuns serviços de traduções em delegacias, alfabetização em comunidades indígenas, apoio em museus, criação de material didático, entre outros. A carga horária, de 480 horas, pode ser cumprida durante as férias escolares ou no decorrer do ano letivo, sendo necessário comprová-la até o final do ano para poder se graduar. Sim, por ser uma atividade obrigatória, o não cumprimento das horas estipuladas impede a obtenção do título universitário¹⁸. Tal situação chamou a atenção da pesquisadora, pois, até aquele momento não havia visto nada parecido em sua instituição de origem, tampouco havia participado de qualquer projeto de extensão. Pareceu interessante este contato dos discentes com a comunidade, esta contribuição com o meio e, igualmente, as situações/informações que os universitários traziam de volta à Universidade¹⁹. Ao retornar ao Brasil, tinha então a intenção de propor algo que aproximasse os graduandos da comunidade local, o que, em determinado momento, se encontrou com as novas políticas públicas brasileiras relacionadas à Extensão Universitária e deu origem a esta pesquisa que culminaria na proposição de um tutorial para a realização de ações extensionistas. Parece-nos pertinente ressaltar que o *servicio social* não representa todas as atividades extensionistas mexicanas, e sim, uma parte delas. É apenas um dos projetos regidos pela secretaria de extensão. O que o diferencia dos demais é o seu caráter obrigatório.

No que se refere à história e concepção de Extensão no México, Ejea e Garduño (2014) citam que já no século XIX se encontravam discursos sobre uma Universidade mais voltada ao social e preocupada com seu entorno, porém foi em 1922, com o regulamento da *Universidad Nacional de México*, que ela começou a ser considerada um dos tripés da universidade mexicana. Em 1978 foi incorporada ao Plano Nacional de Educação Superior, e em 1986, com a elaboração do Programa Nacional de Extensão da Cultura e Serviços (PNECS), foi definida como:

¹⁸ Artículo 2.- Los estudiantes de las instituciones de educación superior prestarán el servicio social con carácter temporal y obligatorio, como requisito previo para obtener el título o grado académico que corresponda. (MÉXICO, 1981).

¹⁹ Ressaltamos que o serviço social é apenas um dos projetos contemplados dentro da extensão universitária da Universidad Autónoma de Querétaro (UAQ). Os discentes podem participar também de outros, porém não a título de obrigatoriedade.

[...] uma função substancial das instituições de ensino superior cuja finalidade é compartilhar os benefícios da educação e da cultura nacional e universal com todos os setores da sociedade, tentando atuar em sua integração e transformação por meio da pesquisa, ensino, difusão, divulgação, promoção e serviços de conhecimento científico, tecnológico, artístico e humanista. (EJEA; GARDUÑO, 2014, tradução nossa)²⁰

Essa é a concepção que orienta até os dias atuais a prática extensionista em solo mexicano.

Durante a elaboração deste trabalho, tivemos ainda a oportunidade de ir à Argentina, mais especificamente à cidade de Córdoba, para a realização de cursos por meio da participação da pesquisadora no projeto de extensão “*Comunicándonos Sin Fronteras: aprendizagem do português e do espanhol como língua segunda e estrangeira (PELSE) por jovens brasileiros e argentinos*”, coordenado pela Profa. Dra. Valdirene F. Zorzo-Veloso e com a colaboração da Profa. Ms. Débora Louise Xavier, qual busca uma integração entre a UEL e a UNC (*Universidad Nacional de Córdoba*). Aproveitando o momento, buscamos saber como a Extensão se dava neste país. Infelizmente a UNC estava em período de férias, o que prejudicou o acompanhamento de alguma atividade, mas não impediu a coleta de informações. Pudemos conversar com a vice-diretora da *Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano*, vinculada à UNC, o que seria equivalente ao colégio de aplicação da UEL. A surpresa se deu ao saber que já na educação básica, o que equivale ao ensino fundamental e médio aqui no Brasil, ao menos neste colégio, os alunos têm contato com atividades extensionistas. Há, inclusive, na escola uma secretaria de extensão direcionada só para estas atividades. Segundo relato da vice-diretora, Profa. Raquel Carranza, o projeto mais destacado chama-se “Punto de Encuentro”.

Seu objetivo principal é contribuir para a diminuição do fracasso escolar em crianças de escolas públicas primárias a partir da realização de apoio escolar em matemática e língua materna levada a cabo pelos estudantes dos dois últimos anos do Belgrano e do Monserrat, a partir de recuperação de fortalezas que dispõem estes alunos/as. Assim, a abordagem da problemática do fracasso escolar conseguido a partir da geração de espaços diferentes do áulico, lúdicos, personalizados, onde se relacionam alunos com alunos na tarefa de ensinar e aprender uns com os outros, brinda um *plus* que vai além do estritamente pedagógico, em tanto estabelece vínculos que fortalecem a autoestima e o modo de estar nas instituições educativas.²¹ (ESCUELA

²⁰ [...] una función sustantiva de las instituciones de educación superior cuya finalidad es hacer partícipe de los beneficios de la educación y la cultura nacional y universal a todos los sectores de la sociedad, tratando de incidir en su integración y transformación mediante la investigación, docencia, difusión, divulgación, promoción y servicios del conocimiento científico, tecnológico, artístico y humanístico.

²¹ Su objetivo principal es contribuir a la disminución del fracaso escolar en niños/as de escuelas públicas primarias a partir la realización de apoyo escolar en matemática y lengua llevada a cabo por estudiantes de los dos últimos años del Belgrano y el Monserrat, a partir de la recuperación de las fortalezas que disponen estos alumnos/as. Así, el abordaje de la problemática del fracaso escolar logrado a partir de la generación de

SUPERIOR DE COMERCIO MANUEL BELGRANO, 2017, grifo do autor, tradução nossa)

Antes de ir até a escola primária, os alunos do *Belgrano* participam de cursos, entre outras temáticas, de estratégias de aprendizagem e formação extensionista. Somente depois, começam com as atividades de monitoria. Ainda, segundo a vice-diretora, há uma grande adesão dos alunos que estão terminando o equivalente ao nosso ensino médio e o projeto tem se demonstrado bastante enriquecedor. Uma interessante prática que pode servir de modelo para atividades em território brasileiro.

No que tange à Extensão a nível universitário, eixo central desta investigação, segundo Herrera Albrieu (2012), o interesse argentino por tal prática tem aumento nos últimos anos, ainda que não tenha chegado ao mesmo *status* que a Pesquisa e o Ensino. Algo similar ao que ocorre no Brasil. Apareceu por primeira vez em 1905, porém ganhou maior visibilidade a partir do movimento (estudantil) reformista, em 1918.

[...] foi o movimento reformista do ano 1918 produzido na *Universidad Nacional de Córdoba* que difundiu a extensão por toda a América Latina. Postulava o desenvolvimento da função social e da difusão cultural como atividades próprias das universidades latino-americanas. Sustentava que com este tipo de atividades o estudante teria a oportunidade, não apenas de se familiarizar com os problemas de seu meio e de entrar em contato com seu povo, mas também a ocasião de devolver a este em serviços, parte do benefício que significava pertencer a uma minoria privilegiada, que possuía acesso à Educação Superior.²² (HERRERA ALBRIEU, 2012, tradução nossa).

Nota-se aqui uma semelhança com uma das justificativas para a realização do *servicio social* adotado pelo governo mexicano: uma maneira de retribuir à sociedade o privilégio de poder estar em uma universidade, na maioria das vezes, pública. No entanto, com o passar dos anos, assim como ocorreu no México e no Brasil, os argentinos perceberam que era necessário colocar também a população como agente neste processo, transformando-o em bilateral. Foi na II Conferência Latino-americana de Extensão e Difusão Cultural, em 1972, que nasceu o conceito atualmente seguido por eles.

espacios diferentes al áulico, lúdicos, personalizados, donde se relacionan alumnos con alumnos en la tarea de enseñar y aprender unos de otros, brinda un plus que va más allá de lo estrictamente pedagógico, en tanto establece vínculos que fortalecen la autoestima y el modo de estar en las instituciones educativas.

²² Sin embargo, fue el movimiento reformista del año 1918 producido en la Universidad Nacional de Córdoba, el que ha difundido la extensión por toda América Latina. Postulaba el desarrollo de la función social y la difusión cultural como actividades propias de las universidades latinoamericanas. Sostenía que con este tipo de actividades el estudiante tendría la oportunidad, no sólo de familiarizarse con los problemas de su medio y de entrar en contacto con su pueblo, sino también ocasión de devolver a éste en servicios, parte del beneficio que significaba pertenecer a una minoría privilegiada, que tenía acceso a la Educación Superior.

Extensão universitária, é a interação entre a Universidade e os demais componentes do corpo social, por meio do qual esta assume e cumpre seu compromisso de participação, no processo social de criação da cultura e da liberação e da transformação radical da comunidade nacional. (apud SASTRE VÁZQUEZ, ZUBIRÍA, D'ANDREA, 2017, tradução nossa)²³.

Diferente do que ocorre no Brasil, cujo governo regulamentou que todas as instituições de ensino superior devem praticar a Extensão em caráter obrigatório, na Argentina algumas universidades, de maneira independente, estão implementando esta obrigatoriedade extensionista. É o caso da *Universidad Nacional de Córdoba*, que instituiu o “*Programa Compromiso Social Estudiantil*” (PCSE), no qual todos os estudantes de graduação e “pregrado” (equivalente ao ensino médio brasileiro), caso do colégio Belgrano, devem participar de atividades de extensão, consideradas socialmente relevantes. “A participação no PCSE é de caráter obrigatório para todos os estudantes de graduação da Universidade. Constitui-se como requisito a cumprir para a obtenção do título. A obrigatoriedade recai sobre o estudante e não por cada uma dos cursos que curse” (UNIVERSIDAD NACIONAL DE CÓRDOBA, 2016, tradução nossa)²⁴. Em relação à carga horária, esta é consideravelmente menor que a estipuladas e previstas pelos governos mexicanos e brasileiros, a saber, 30 horas. Entre outras Universidades argentinas que já puseram a Extensão como prática indispensável para a conquista do diploma, podemos citar a *Universidad de Buenos Aires*, com as “*Prácticas Sociales Educativas*”²⁵, e a *Universidad Nacional del Oeste*, com o “*Trabajo Social Obligatorio*”²⁶.

Cabe destacar que, dentro dos países latino-americanos, principalmente aqueles que têm o espanhol como língua materna, a Extensão pode ser encontrada com diferentes nomenclaturas. Tommasino e Cano (2016, p. 8-9) citam algumas, como vinculação (usado a partir de alguns elementos da crítica freiriana), articulação (considerando a cooperação entre universidade e sociedade), responsabilidade social universitária e compromisso social da universidade, entre outros.

Não temos a pretensão de relatar aqui toda a história da Extensão na Argentina ou no México, pois este não é o foco principal do nosso estudo. O que queremos é comparar a posição ocupada por ela em países latino-americanos com os quais tivemos algum contato.

²³Extensión universitaria, es la interacción entre la Universidad y los demás componentes del cuerpo social, a través de la cual ésta asume y cumple su compromiso de participación, en el proceso social de creación de la cultura y de liberación y transformación radical de la comunidad nacional.

²⁴ La participación en el PCSE es de carácter obligatorio para todos los estudiantes de grado de la Universidad. Se' constituye como requisito a cumplir para la obtención del título. La obligatoriedad recae sobre el estudiante y no por cada una de las carreras que curse. (UNIVERSIDAD NACIONAL DE CÓRDOBA, 2016).

²⁵ Página web: <http://www.uba.ar/extension/contenido.php?id=19&m=4>.

²⁶ Página web: <http://www.uno.edu.ar/index.php/programas/835-trabajo-social-obligatorio-tso>

O que podemos notar é que a Extensão se desenvolveu de maneira muito parecida nos três países, Brasil, Argentina e México, e praticamente nos mesmos períodos. Além disso, vemos que o caráter dialógico desta prática, ou seja, sua real interação com a sociedade, não era considerada nos seus primórdios, ganhando lugar apenas após os anos 70. No demais, verificamos que, agora, o Brasil se assemelha um pouco ao México no que corresponde à obrigatoriedade a nível nacional das atividades de extensão, situação que já começa a ser discutida na Argentina.

3 METODOLOGIA

Para chegarmos ao tutorial do professor e do aluno, nosso produto educacional, seguimos diversos passos. Primeiramente, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o tema, com o intuito de verificar as publicações já realizadas na área, e, assim, avaliar o atual *status* da Extensão nas universidades brasileiras e em algumas estrangeiras. Na região sul do Brasil, território em que está inserida a UEL, realizamos uma consulta, por e-mail, às universidades estaduais e federais, em busca de modelos/exemplos de atividades de extensão já incluídas nos currículos dos cursos de graduação. A escolha de fazê-lo por e-mail deu-se por considerarmos este um meio de comunicação de fácil acesso, rápido e que, ao mesmo tempo, permite que o destinatário o responda quando lhe for mais viável, em qualquer dia e horário, sem necessidade de interrupção de qualquer atividade. O resultado, como se pode observar no produto educacional final e no próximo tópico do artigo, foi abaixo do esperado. Somente uma Universidade sulista, até o momento, havia incluído a Extensão em sua grade curricular, segundo as respostas que obtivemos em nossa consulta.

Na UEL, reunimo-nos com os representantes da área da Extensão, no caso, o Pró-Reitor de Extensão e a diretora de acompanhamento administrativo. Estas reuniões tinham como objetivo coletar informações sobre os procedimentos que estão sendo tomados pela UEL e outras instituições em relação à curricularização da Extensão, bem como firmar parceria entre eles e nós, pesquisadoras, para a elaboração do tutorial, já que este apresentará conteúdos que dizem respeito a procedimentos executados por esta Pró-Reitoria. Para mais, participamos de eventos realizados dentro da UEL sobre o tema, como, por exemplo, o Simpósio “Por Extenso”²⁷, o qual, em sua quinta edição, em novembro de 2016, teve como tema: “Extensão Universitária: Metodologias e diálogos com a comunidade”, e a “Jornada Pedagógica do GEPE (Grupo de Estudos de Práticas em Ensino) 2017”²⁸, realizada entre os meses de julho e dezembro de 2017, cujo encerramento, no dia 07 de dezembro, foi direcionado a discussão sobre a curricularização da Extensão. De acordo com seus respectivos organizadores, o primeiro teve como objetivo disseminar os principais resultados das ações extensionistas da UEL, auxiliando nos debates acerca dos rumos da política de extensão nas Instituições de Ensino Superior, já o segundo, buscou promover e construir conhecimentos acerca da formação docente na Universidade Estadual de Londrina.

²⁷Mais informações sobre o evento podem ser consultadas em sua página oficial: <http://www.uel.br/eventos/porextenso/>.

²⁸Mais informações sobre o evento podem ser consultadas em sua página oficial: http://www.uel.br/prograd/?content=gepe/eventos/jornada_pedagogica/2017/index_entrada.html

O passo seguinte se refere à elaboração do tutorial, que foi executado em consonância com a política extensionista da UEL, considerando a realidade da nossa instituição e de seu respectivo público: docentes, discentes e comunidade externa. Para isso, entre outras coisas, analisamos os dados socioeconômicos dos alunos ingressantes do ano de 2017 da área de Humanas e também daqueles que estudam no período noturno, disponíveis no site da UEL²⁹, com o propósito de conhecer um pouco mais o perfil deste discente, especialmente no que diz respeito à prática de atividade remunerada, para verificar os horários disponíveis para atividades fora de seu turno de estudo. O tutorial será descrito mais detalhadamente no próximo tópico.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Seguindo as especificidades do Mestrado Profissional, elaboramos um produto educacional, qual será acompanhado por este artigo. Isso posto, em relação à sua classificação, esta pesquisa pode ser categorizada como:

- a. bibliográfica, uma vez que apresentamos informações teóricas sobre o tema tratado;

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

- b. pesquisa de campo: verificamos a situação da Extensão e sua curricularização dentro da UEL, além de buscar modelos de atividades extensionistas realizadas em outras instituições da Região Sul do País e em dois países da América Latina.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 186).

²⁹ O perfil dos ingressantes da UEL está disponível na página da Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN): http://www.uel.br/proplan/portal/pages/diretoria-de-avaliacao-institucional/pesquisa_perfil.php.

- c. qualitativa: é exploratória, não tem como finalidade obter números, mas sim compreensões sobre a realidade da Extensão. Gunther, a seguir, define algumas das características da pesquisa qualitativa.

Os acontecimentos no âmbito do processo de pesquisa não são desvinculados da vida fora do mesmo. Isto leva, ainda, a contextualidade como fio condutor de qualquer análise em contraste com uma abstração nos resultados para que sejam facilmente generalizáveis. Implica, ainda, num processo de reflexão contínua sobre o seu comportamento enquanto pesquisador e, finalmente, numa interação dinâmica entre este e seu objeto de estudo. (GUNTHER, 2006, p. 203).

Estas são as classificações que caracterizam as os elementos principais desta pesquisa. No entanto, sabemos que por se tratar de um trabalho da área de humanas voltado tanto para a investigação teórica quanto à execução prática (elaboração de produto educacional), tais terminologias não sejam únicas e suficientemente amplas para abarcar toda a pesquisa.

4 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POR QUE E COMO FAZÊ-LA? - TUTORIAL DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO PARA PROFESSORES E ALUNOS DO DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS DA UEL

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa e seu produto educacional estão vinculados ao Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas (MEPLEM) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Consideravelmente novo, regulamentado pela Portaria Normativa nº17 de 2009, esse tipo de pós-graduação tem como diferencial a relação direta entre pesquisa (teoria) e prática, conseqüentemente, o trabalho de conclusão de curso a ser entregue. A dissertação, principal requisito para a conclusão de mestrado acadêmico, já não é requerida obrigatoriamente no mestrado profissional. É possível produzir textos em diferentes formatos, quais são comumente chamados de “produtos educacionais”.

O trabalho de conclusão final do curso poderá ser apresentado em diferentes formatos, tais como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; produção de programas de mídia, editoria, composições, concertos, relatórios finais de pesquisa, softwares, estudos de caso, relatório técnico com regras de sigilo, manual de operação técnica, protocolo experimental ou de aplicação em serviços, proposta de intervenção em procedimentos clínicos ou de serviço pertinente, projeto de aplicação ou adequação tecnológica, protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits, projetos de inovação tecnológica, produção artística, sem prejuízo de outros formatos, de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, desde que previamente propostos e aprovados pela CAPES. (BRASIL, 2009).

Considerando então as características e especificações do mestrado profissional e do produto a ser elaborado, bem como a necessidade de divulgação de práticas extensionistas e de suas novas regulamentações federais, decidimos produzir um tutorial³⁰ aos docentes e discentes do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (LEM) sobre a curricularização da Extensão, por acreditarmos que o mesmo seria de grande utilidade mediante a atual conjuntura. O processo de curricularização é algo novo, está em trâmite para sua implementação e promoverá, a curto e longo prazo, algumas mudanças no currículo das licenciaturas do LEM e, conseqüentemente, na sua formação acadêmica. Sendo assim, vimos o momento oportuno para desenvolver uma pesquisa de mestrado que colaborasse, direta e/ou indiretamente, com a sociedade - por meio de uma proposta de curricularização da extensão, qual tem como um de seus objetivos contribuir para o desenvolvimento da comunidade, com

³⁰ Nesta pesquisa, tomamos como base a definição de tutorial contemplada no Dicionário do Aurélio (*online*): “Conjunto de instruções ou explicações relativas a um assunto específico”. (TUTORIAL, 2017).

os docentes - auxiliando-os nesta nova fase da Extensão, com os alunos - oferecendo-lhes um tipo de um projeto extensionista e, conseqüentemente, aproximando-o da sua realidade de trabalho, e com a Universidade - colaborando para a implementação de uma das metas do PNE 2014/2024.

O objetivo deste tutorial, intitulado como “EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POR QUE E COMO FAZÊ-LA? - Tutorial de Curricularização da Extensão para Professores e Alunos da área de Letras Estrangeiras Modernas da UEL.”, é apresentar aos docentes as políticas públicas que regulamentam as atividades extensionistas (institucionais e federais), conduzi-los a uma reflexão sobre a importância da Extensão e sobre a prática docente como uma ferramenta de intervenção e melhoria das problemáticas de ordem social; oferecer-lhes exemplos de atividades já realizadas com sucesso e orientá-los quanto aos procedimentos necessários para sua realização. Para os alunos, o foco do produto educacional é mostrar o caminho para a inscrição, execução e creditação das atividades extensionistas. Esperamos que o tutorial contribua ao processo de curricularização da Extensão na UEL e, conseqüentemente, aproxime a Universidade da sociedade e a teoria da prática.

No tutorial, disponibilizado digitalmente, por meio de uma página web³¹, constam os conceitos e lei(s) relacionados ao assunto e pertinente(s) ao momento (definições legais, carga horária obrigatória, importância destas atividades para a formação discente e também ao desenvolvimento contínuo do docente) e o passo a passo do processo burocrático necessário para a realização (para os professores) e participação (para os alunos) em um projeto de extensão (os procedimentos necessários para o cadastro e execução das atividades na UEL – documentos, número de participantes, período de realização, possibilidades de campo de atuação, etc). Poderíamos ousar dizer que seria um *E-Book* em formato de tutorial.

Além disso, no tutorial, apresentamos alguns modelos³² de atividades extensionistas obrigatórias realizadas em outras instituições, nacionais e internacionais, e uma proposta de curricularização da extensão na área de Letras Estrangeiras Modernas (LEM). Faz-se importante mencionar que a carga horária considerada na proposição, 320h (trezentas e vinte

³¹Para demonstrar como o produto educacional aqui desenvolvido pode ser inserido e divulgado dentro do site da UEL, estamos desenvolvendo uma página web dentro do servidor da própria Universidade, seguindo seu *layout* padrão. O sítio eletrônico foi criado no nome da Profa. Valdirene F. Zorzo-Veloso, orientadora deste trabalho, pois somente docentes da instituição podem hospedar páginas pessoais dentro do servidor. Isso explica o fato do nome da citada docente aparecer em destaque na parte superior das imagens apresentadas nas folhas seguintes. Convém mencionar que a página ainda não se encontra em domínio público, podendo ser acessada somente pela pesquisadora e sua orientadora.

³² O objetivo é apresentar ao docente projetos já em andamento que o conduzam a uma reflexão quanto às possíveis e variadas formas de agregar a Extensão ao currículo e sobre o que pode ser desenvolvido em sua região, respeitando a idiossincrasia dos envolvidos.

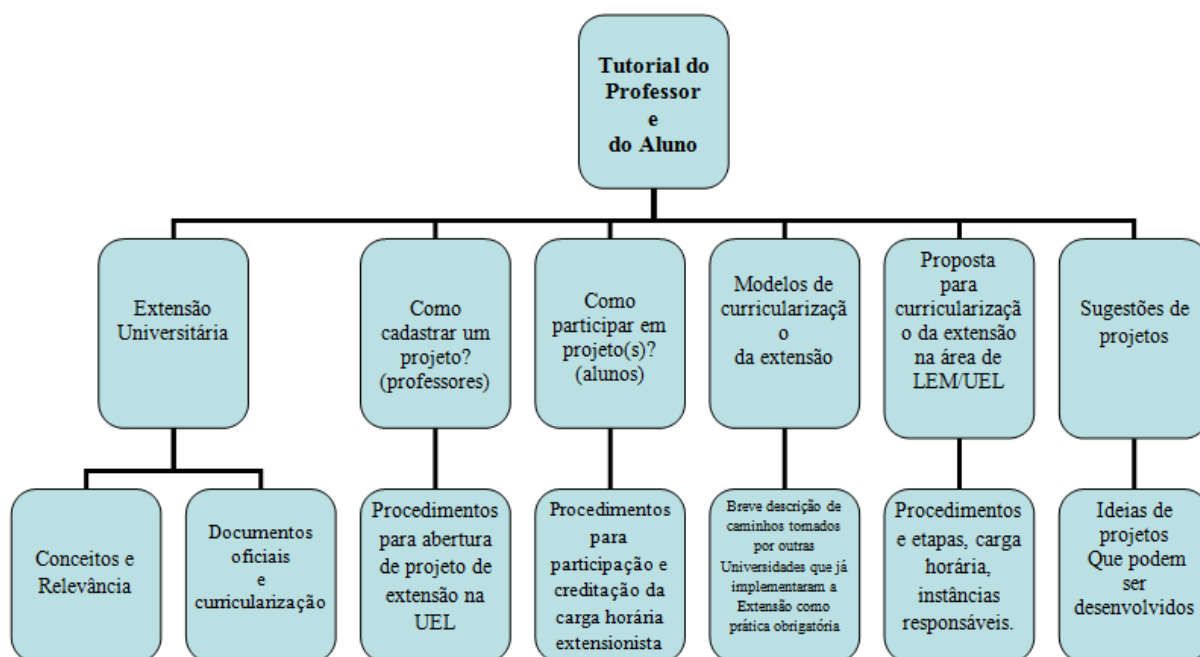
horas), está de acordo com o novo currículo elaborado pelo Departamento LEM, construído a partir das orientações da Resolução 02/2015 do Conselho Nacional de Educação, cuja tramitação já se encontra nas instâncias superiores da UEL (BRASIL, 2015).

Cabe ainda ressaltar que neste trabalho decidimos sugerir a curricularização por meio de projetos, seguindo o estipulado pela meta 12.7 do PNE 2014/2024, porém, isso não impede que tanto a UEL, como outras Universidades, desenvolvam diferentes metodologias, de acordo com as suas realidades.

Informamos, no entanto, que por questões de tempo, esta pesquisa não apresentará relatos e/ou comentários sobre a fase de execução do projeto proposto, já que esta demandaria mais tempo que o estipulado para o término e apresentação do produto aqui citado.

Logo, o produto educacional deve abarcar as seguintes seções:

Organograma 1 – Estrutura do tutorial



Fonte: Do próprio autor

Na sequência estão algumas imagens demonstrativas de como o tutorial foi organizado no *website*.

Figura 1 – Apresentação do tutorial na página de internet.

The screenshot shows the website interface for 'EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POR QUE E COMO FAZÊ-LA?'. At the top, there is a navigation bar with the logo of Universidade Estadual de Londrina and menu items: ESTRUTURA ADM, GRADUAÇÃO, PESQUISA|PÓS, EXTENSÃO, VESTIBULAR|SISU, and TRANSPARÊNCIA. A left sidebar contains a 'MENU' with options: APRESENTAÇÃO, EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, COMO CADASTRAR UM PROJETO?, COMO PARTICIPAR DE UM PROJETO?, MODELOS DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO, PROPOSTA PARA CURRICULARIZAÇÃO - LEM/UEL, and SUGESTÕES DE PROJETOS. The main content area has the title 'EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POR QUE E COMO FAZÊ-LA?' and a sub-section 'APRESENTAÇÃO'. The text reads: 'Este tutorial foi elaborado como produto final do Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas (MEPLEM), e tem como objetivo colaborar com a divulgação da extensão na Universidade Estadual de Londrina (UEL), assim como apoiar os professores e alunos da área de Letras Estrangeiras Modernas no processo de curricularização da extensão. Ele está composto por seis partes:'. Below this is a numbered list: 1) A extensão: conceito, leis e processo de curricularização; 2) Como cadastrar um projeto?: Procedimentos para abertura de projetos extensionistas na UEL; 3) Como participar de um projeto? Passo-a-passo para a participação e creditação das atividades extensionistas; 4) Modelos de curricularização da extensão: projetos de extensão realizados em outras instituições;

Fonte: Desenvolvido pelo próprio autor.

Figura 2 – Subseção “A Extensão Universitária” do tutorial na página de internet.

The screenshot shows the same website interface as Figure 1, but with the sub-section 'A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA' selected. The main content area has the title 'A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA'. The text reads: 'A extensão é um dos pilares da universidade brasileira, junto com o ensino e a pesquisa, conforme estipulado pela Constituição Federal de 1988. Seu panorama histórico vem sofrendo mudanças ao longo dos anos, deixando de ser uma atividade isolada, de prestação de serviços ou puramente assistencialista como em seus primórdios, para converter-se em algo indispensável e de extrema relevância no cenário atual. Mas, o que se entende por extensão?'. Below this is a paragraph: 'O primeiro conceito foi elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, em 1987, sendo redefinido em 2012:'. A block quote follows: 'A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (Fórum..., 2012, p. 15)'. At the bottom, it states: 'Dentro da UEL a extensão está respaldada pela resolução n. 1295/88, que propõem:'.

Fonte: Desenvolvido pelo próprio autor.

Figura 3 – Subseção “Modelos de Curricularização da Extensão” do tutorial na página de internet.



Fonte: Desenvolvido pelo próprio autor.

Os textos completos de cada seção da página *web* podem ser acessados pelo link: <http://www.uel.br/pessoal/valdirenezorzovelo>.³³ A intenção é disponibilizar a página ao público em geral após a defesa do mestrado, bem como publicar todo o seu conteúdo em forma de *E-book*

³³ Para demonstrar como o produto educacional aqui desenvolvido pode ser inserido e divulgado dentro do site da UEL, desenvolvemos uma página web dentro do servidor da própria Universidade, seguindo seu *layout* padrão. O sítio eletrônico foi criado no nome da Profa. Valdirene F. Zorzo-Veloso, orientadora deste trabalho, pois somente docentes da instituição podem hospedar páginas pessoais dentro do servidor.

5 MAPEAMENTO SOBRE A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO SUL DO BRASIL

O que se pôde constatar é que, apesar do mais recente PNE ter sido aprovado há aproximadamente três anos, poucas foram as mudanças realizadas pelas universidades federais e estaduais do sul do Brasil a fim de atendê-lo, em relação à Extensão. De acordo com as informações obtidas até a redação deste artigo³⁴, somente uma universidade nesta região, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), já aprovou uma resolução³⁵ que regulamenta a curricularização das atividades de extensão nos cursos de graduação da referida universidade, e possui um curso de graduação que implementou e, atualmente, desenvolve a proposta estipulada, que, no caso, consiste na inserção de uma disciplina anual denominada “Extensão, Universidade e Sociedade”. As demais instituições se encontram em fase de reuniões para tomada de decisões sobre os primeiros passos a serem executados.

Durante as consultas às universidades, de modo informal via e-mail, notamos ainda que, dentre as que nos responderam, existem questionamentos e dúvidas em relação à curricularização que consideramos pertinentes e que servirão como base para reflexões e, conseqüente, para a elaboração do tutorial do professor e do aluno e da proposta de curricularização nele inserida. Tais indagações se referem, por exemplo, à oferta aos alunos de uma disciplina ou de um projeto obrigatório, e ao horário de realização das atividades: no horário regular das aulas ou em contraturno. São pontos significativos que devem considerar o perfil da instituição, dos profissionais e discentes envolvidos, bem como da sociedade em que serão desenvolvidos.

Além disso, as Universidades estão passando por um processo de reformulação dos Projetos Pedagógicos dos Cursos, seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior, Resolução nº 02/2015 do Conselho Nacional de Educação, que prevê em seu artigo 22 que “os cursos de formação de professores que se encontram em funcionamento deverão se adaptar a esta Resolução no prazo de 2 (dois) anos, a contar da data de sua publicação” (BRASIL, 2015). Prazo que tem como data máxima junho de 2018. Seria essa uma oportunidade de já incorporar as atividades extensionistas no currículo. Entretanto, conforme reunião do Fórum Permanente das Licenciaturas (FOPE) da UEL, realizado no dia

³⁴ Das dezessete universidades contactadas, cinco já nos responderam, a saber: Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Regional de Blumenau (FURB), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

³⁵ Resolução COCEPE 06/2016, aprovada em 03 de março de 2016. Disponível em <http://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2016/03/Resolu%C3%A7%C3%A3o-COCEPE-062016.pdf>

29 de janeiro de 2018, na qual além dos membros da UEL, estavam presentes representantes de outras três universidades estaduais do Paraná³⁶, estes últimos relataram que não está sendo exigida a inserção da meta 12.7 do PNE 2014/2024 nos novos Projetos Pedagógicos dos Cursos, ou seja, ainda não há previsão para a efetiva curricularização da extensão nessas instituições.

³⁶ Universidade Estadual de Londrina, Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual do Paraná, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

6 PALAVRAS FINAIS

Nosso intuito com este trabalho não é reduzir ou desvalorizar o Ensino e a Pesquisa na Universidade e supervalorizar a Extensão, até porque os três devem ser indissociáveis. Pelo contrário, ressaltamos seu valor, tanto que, como mencionado anteriormente, queremos que a Extensão seja tratada da mesma maneira; como algo imprescindível e de imensurável valor a todos os envolvidos e de realização massiva no meio acadêmico. Defendemos a sua prática como fonte inestimável de conhecimento para todos os envolvidos: Universidade, docentes, discentes e a sociedade em geral, e gostaríamos de colaborar para sua difusão por meio da nossa pesquisa e do produto educacional “tutorial do professor e do aluno”. Infelizmente, não será possível sanar todas as problemáticas que circundam este tema, porém, esperamos colaborar para que, pelo menos no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, o processo de curricularização, bem como a valorização da Extensão, se dê o quanto antes possível, cumprindo a lei e beneficiando todos os envolvidos.

Citamos aqui um fragmento de Rolim (2009) sobre os novos rumos da Universidade contemporânea:

A tendência ao redor do mundo é transformar as universidades em centros para a criação, disseminação e aplicação do conhecimento, não apenas para os tradicionais jovens estudantes, mas também para os estudantes de qualquer idade, para o setor comercial e para a comunidade como um todo. (ROLIM, 2009, p. 437)

Ideia esta que se encontra em comunhão com o pensamento seguido neste projeto, uma vez que acreditamos em uma Universidade formada pela e para a sociedade. Local onde a prática e a teoria, o saber empírico e o acadêmico, andam de mãos dadas, provendo assim a integração Ensino, Pesquisa e Extensão e, conseqüentemente, um desenvolvimento social.

As instituições de Educação Superior devem avançar na configuração de uma relação mais ativa com seus contextos. A qualidade está vinculada à pertinência e à responsabilidade com o desenvolvimento sustentável da sociedade. Isso exige impulsionar um modelo acadêmico caracterizado pela indagação dos problemas em seus contextos; a produção e transferência do valor social dos conhecimentos; o trabalho conjunto com as comunidades; uma pesquisa científica, tecnológica, humanística e artística fundada na definição explícita dos problemas detectados, de solução fundamental para o desenvolvimento do país ou da região e o bem-estar da população; uma tarefa ativa de divulgação, vinculada à criação de uma consciência cidadã, sustentada no respeito aos direitos humanos, e à diversidade cultural; um trabalho de extensão que enriqueça a formação, colabore na identificação de problemas para a agenda de pesquisa e crie espaços de ação conjunta com distintos atores sociais, especialmente os mais excluídos e marginalizados (DECLARAÇÃO..., 2009).

Acreditamos que a curricularização da Extensão colaborará para que esta “transformação” ocorra nas universidades brasileiras, assim como, esperamos que nosso produto educacional facilite e agilize este processo dentro do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, âmbito de nossa área de estudos e última instância no que se refere à inclusão da extensão no currículo no curso, uma vez que, após a estabelecida a meta 12.7 pelo PNE, ainda se espera a criação de uma resolução por parte do Conselho Nacional de Educação com as normas e prazos para implementação, para que, a partir disso, a UEL também elabore um documento oficial, apresentando seu entendimento sobre a curricularização e suas características dentro da instituição. Somente após este processo, cada curso se responsabilizará em incluir as práticas extensionistas no seu Projeto Pedagógico.

Para finalizar, citamos o trecho de uma fala de Gilberto Hildebrando na Jornada Pedagógica GEPE 2017, da Universidade Estadual de Londrina, realizada em dezembro do citado ano, na qual ele apresenta um novo olhar em direção à Extensão:

Esqueçam aquela história de via de mão dupla. A extensão é caminho múltiplo, com vias que se cruzam e se intercalam, num certo frenesi acadêmico e popular. Vias que alegam, emocionam e chocam. Vias que fazem o ensino e a pesquisa respirarem de forma diferente, um pouco mais ofegante. Vias que mostram condutores um pouco diferentes do que estamos acostumados. E tem até vias que vêm e que vão. (HILDEBRANDO, 2017)

A ‘via de mão-dupla’, termo utilizado por muito teóricos e mencionado neste trabalho, parece, aos olhos de Hildebrando, já não ser suficiente para caracterizar a relação entre os participantes das atividades extensionistas. Será o começo de outros novos tempos? Como dissemos previamente, a concepção e relevância da Extensão vem se transformando ao longo dos anos e, segundo acreditamos, não será diferente agora e no futuro, principalmente diante do desafio de curricularizá-la. Novas ideias e caminhos ainda estão por vir.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Loriza Lacerda de; ARAÚJO, Maria Amélia Máximo de; GUERREIRO, Márcia Regina. Extensão universitária no ensino superior: o diferencial na qualidade acadêmica. In: CONFERÊNCIA “POR UM ENSINO SUPERIOR DE QUALIDADE NOS PAÍSES E REGIÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA”, 2., 2012, Macau. *Anais...* Macau: Instituto Politécnico de Macau. Disponível em: <<http://aforges.org/conferencia2/05documentos.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- BERNHEIM, Carlos Tünnermann; CHAUI, Marilena de Souza. *Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência*. Brasília: UNESCO, 2008.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- BRASIL. *Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001*. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- BRASIL. *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 8 fev. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa n. 17, de 28 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. *Diário Oficial da União*, Brasília, 29 dez. 2009. Seção 1, n. 248, p. 20.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015*. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/res_cne_cp_02_03072015.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- CAPES. *Mestrado profissional: o que é?* Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-o-que-e>>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- CONCEITO de extensão, institucionalização e financiamento. In: ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1., 1987, Brasília. *Anais...* Disponível em <<https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2016.

CONSELHO COORDENADOR DO ENSINO, DA PESQUISA E DA EXTENSÃO – COCEPE. *Resolução nº 06, de 03 de março de 2016*. Dispõe sobre o regulamento da curricularização das atividades de extensão em cursos de Graduação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, e dá outras providências. Disponível em <<http://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2016/03/Resolu%C3%A7%C3%A3o-COCEPE-062016.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2017.

DECLARAÇÃO da Conferência Regional de Educação Superior na América Latina e no Caribe. *Avaliação*: revista da avaliação da educação superior, Campinas, v. 14, n. 1, p. 235-246, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772009000100012>. Acesso em: 3 jan. 2018.

EJEA, Tomás; GARDUÑO, Bianca. La extensión de la cultura universitaria en México: un ensayo sobre su historia, conceptualización y relevancia. In: MÉNDEZ, Hugo; CUAMEA, Felipe (Org.). *Universidad, ciencia y cultura: evocaciones para un saber colectivo*. Mexicali: Universidad Autónoma de Baja California, 2014. Disponível em: <http://www.academia.edu/8137289/La_Extensi%C3%B3n_de_la_Cultura_Universitaria_en_M%C3%A9xico_un_ensayo_sobre_su_historia_conceptualizaci%C3%B3n_y_relevancia_2014_>. Acesso em: 6 ago. 2017.

ESCUELA SUPERIOR DE COMERCIO MANUEL BELGRANO. *Proyecto punto de encuentro*. Disponível em: <<http://secretarias.unc.edu.ar/escmb/extension/proyectos-extensionistas/punto-de-encuentro-1>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. *Política nacional de extensão universitária*. Manaus, 2012. Disponível em: <<http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2016.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCIA, Berenice Rocha Zabbot. *A contribuição da extensão universitária para a formação docente*. 2012. 115 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GEZMET, Sandra; DAGÚM, Esther Sánchez. *Debates actuales sobre extensión universitária*. 2017. Disponível em: <<http://puedesunt.blogspot.com.br/2017/04/debates-actuales-sobre-extension.html>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006.

HERRERA ALBRIEU, María Liliana N. *Una mirada sobre la extensión universitaria en argentina*. 2012. Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/7472/1/marialilianaherreraalbrieu.20121.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

HILDEBRANDO, Gilberto. Curricularização da extensão. In: JORNADA PEDAGÓGICA DO GEPE 2017, Londrina, 2017. *Anais...* Londrina, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/prograd/?content=gepe/eventos/jornada_pedagogica/2017/programacao.html>. Acesso em: 7 dez. 2017.

IDENTIDAD Y TERRITORIO. Rosário – Argentina: União Latino-americana de Extensão Universitária, Año 5, n. 28, Nov. 2016.

IMPERATORE, Simone Loureiro Brum; PEDDE, Valdir. “Curricularização” da Extensão Universitária no Brasil: questões estruturais e conjunturais de uma política pública. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA, 13., 2015, Habana. *Anais...* Habana, 2015. Disponível em: <http://curricularizacaodaextensao.ifsc.edu.br/files/2016/06/1_Artigo_Curricularizaca_da_Extensao_Universitaria_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2016.

JANKEVICIUS, José Vitor. A pesquisa científica e as funções da universidade. *Semina: ciências Biológicas e da Saúde*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 328-330, jun.1995.

KNIGHT, Jane. Cinco verdades a respeito da internacionalização. *Ensino Superior*, Campinas, 2012. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/cinco-verdades-a-respeito-da-internacionalizacao>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOUREIRO, Armando P. F.; CRISTÓVÃO, Artur. O que diz a comunidade? A extensão universitária vista pelos actores externos (um estudo de caso). *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 15, p. 75-97, 2001.

MARCOVITCH, Jacques. *A universidade (im)possível*. São Paulo: Futura, 1998.

MENEGON, Rodrigo R. et al. A importância dos projetos de extensão no processo de formação inicial de professores de educação física. In: JORNADA DO NÚCLEO DE ENSINO DE MARÍLIA - POLÍTICAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: MODELOS EM DISPUTA, 14., 2015, Marília. *Anais...* Marília: UNESP, 2015. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/a-importancia-dos-projetos-de-extensao.pdf>>. Acesso em 5: ago. 2017.

MÉXICO. *Reglamento para la prestación del servicio social de los estudiantes de las instituciones de educación superior en la República Mexicana*. 1981. Disponível em: <http://normatecainterna.sep.gob.mx/work/models/normateca/Resource/229/1/images/reglamento_prestacion_servicio_social_estudiantes.pdf>. Acesso em 14 jul. 2016.

MONTEIRO, Elaine; SACRAMENTO, Mônica. Para repensar a extensão universitária: contribuição do diálogo entre Paulo Freire e Boaventura de Souza Santos. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA, 11., 2011, Santa Fé. *Anais...* Santa Fé: UNL, 2011. Disponível em: <<https://www.unl.edu.ar/iberoextension/dvd/archivos/ponencias/mesa2/para-repensar-a-extensao-uni.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2017.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. *Políticas de extensão universitária brasileira*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. 135 p.

PANSARELLI, Daniel. A indissociabilidade e as fronteiras da extensão. In: POR EXTENSO: SIMPÓSIO DE EXTENSÃO DA UEL, 6., 2017, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 2017.

Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/porextenso/pages/programacao-geral.php>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. *Interfaces: Revista de Extensão*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 5-23, jul./nov. 2013.

PRONUNCIAMENTO da reitora à imprensa. 4 maio 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/fotos/peonunciamento.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2017.

RABELO, Nair. *Caminhos para a universidade está na extensão: sociólogo português Boaventura de Sousa Santos aponta interação com a sociedade como alternativa para o futuro*. 2017. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/publicacoes/112-extensao-e-comunidade/1911-caminho-para-a-universidade-esta-na-extensao>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

RENEX. Rede Nacional de Extensão. *Forproex*. 2016. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php?option=com_content&view=article&id=34&Itemid=18>. Acesso em: 10 jul. 2016.

ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. A construção do conceito de extensão universitária na América a Latina. In: FARIA, Doris Santos de (Org.). *Construção conceitual da extensão universitária na América Latina*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

ROLIM, Cássio Frederico Camargo. A construção de capacidade: em busca de um novo papel para as universidades na sociedade do conhecimento. In: _____. *Universidade e desenvolvimento regional: o apoio das instituições de ensino superior ao desenvolvimento regional*. Curitiba: Juruá, 2009. p. 436-438.

SANTIN, Silvino. *Pelos caminhos do pensamento crítico: universidade e sociedade*. Santa Maria: UFSM/Centro de Ciências Sociais e Humanas, 1988.

SANTOS JÚNIOR, Alcides Leão. *A extensão universitária e os entrelaços de saberes*. 2013. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SASTRE VÁZQUEZ, P.; ZUBIRÍA, A.; D'ANDREA, R. E. *Concepciones sobre extensión universitaria*. Disponível em: <<http://docplayer.es/28903783-Concepciones-sobre-extension-universitaria.html>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

SILVA, Marcos Cipriano da. Reflexões sobre um modelo de universidade. *Revista Urutágua*, Maringá, ano 1, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br//ru23_universidade.htm>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SOUSA, Ana Luiza Lima. *A história da extensão universitária*. Campinas: Alínea, 2000.

SOUZA, Gezilda Borges de. *Extensão universitária em campo: possibilidades para a formação dos estudantes da Universidade Federal da Bahia*. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

TOMMASINO, Humberto; CANO, Agustín. Modelos de extensión universitaria en las universidades latinoamericanas en el siglo XXI: tendencias y controversias. *Universidades*, México, n. 67, p. 7-24, jan./mar. 2016.

TUTORIAL. In: DICIONÁRIO do Aurélio. *Dicionário de português*. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/tutorial>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

UNESCO. *Declaração mundial sobre educação superior no século XXI: visão e ação*. 1998. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE QUERÉTARO (UAQ). Secretaría de Extensión Universitaria. Dirección de Vinculación Social. *Presentación: servicio social*. Disponível em: <<http://dvs.uaq.mx/index.php/servicio-social>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA (UDELAR). *¿Qué es la extensión universitaria?* Disponível em: <<http://www.fhuce.edu.uy/index.php/extension/que-es-extension>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE CÓRDOBA. *Resolução CUDAP: EXP-UNC: 22709/2016*. Propuesta de Reglamento sobre Programa Compromiso Social. Córdoba, 28 dic. 2016. Apostila em PDF.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE ROSARIO (UNR). *Juan Manuel Medina: “hay que romper con los estereotipos de educador-educando”*. 2015. Disponível em: <<http://www.unr.edu.ar/noticia/8860/juan-manuel-medina-hay-que-romper-con-los-estereotipos-de-educador-educando>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC). Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas. *Qual a diferença entre o mestrado acadêmico (MA) e o profissional (MP)?* Disponível em: <<http://www.esag.udesc.br/?id=1152>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL. Pró-Reitoria de Planejamento. *Perfil dos ingressantes: vestibular 2017 por área do conhecimento*. 2017a. Disponível em: <http://www.uel.br/proplan/portal/pages/arquivos/perfil/2017/ING_VEST/INGRESSANTE_AREA_2017.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL. Pró-Reitoria de Planejamento. *Perfil dos ingressantes: vestibular 2017 por turno*. 2017b. Disponível em: <http://www.uel.br/proplan/portal/pages/arquivos/perfil/2017/ING_VEST/INGRESSANTE_Turno_2017.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL. Pró-Reitoria de Planejamento. Diretoria de Avaliação e Acompanhamento Institucional. *Mural de pesquisas*. Disponível em: <http://www.uel.br/proplan/portal/pages/diretoria-de-avaliacao-institucional/pesquisa_perfil.php>. Acesso em: 1 fev. 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL. *Resolução nº 1295, de 24 de novembro de 1988*. Aprova política de Extensão da Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <<http://www.uel.br/proex/?content=legisla.html>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL. Sistema de Consulta de Projetos em Extensão. Centro de Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. *Consulta de projetos por departamento: passo ¾*. Disponível em:

<https://www.sistemasweb.uel.br/index.php?contents=system/prj/pex/index.php&pagina=pex_qry_departamento3.php&p_cod_centro=01000000&p_cod_depto=01040000>. Acesso em: 1 maio 2017c.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL). Pró-Reitoria de Extensão.

Curricularização da extensão na UFAL. Disponível em:

<<http://www.ufal.edu.br/extensao/documentos/guia-curricularizacao-da-extensao-na-ufal>>.

Acesso em: 13 jul. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). *Projetos de extensão ganham espaço no currículo lattes*. 2012. Disponível em:

<<http://noticias.ufsc.br/2012/09/projetos-de-extensao-ganham-espaco-no-curriculo-lattes/>>.

Acesso em 15 ago. 2016.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. *O que é universidade?* 9. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.